

A photograph of a coastal town built on a hillside. In the foreground, a large, powerful wave is crashing over a paved promenade, creating a massive spray of white water. The town's buildings, with various colored roofs, are visible in the background, partially obscured by the mist and spray of the wave. The overall scene is dynamic and captures a moment of natural power meeting human habitation.

OS GALOS

REVISTA DE DIVULGACIÓN
DA CULTURA MARÍTIMA
E FLUVIAL

BUEU 2018
Nº 12

João Marinheiro

...Este é um tempo sem tempo. Sem marinheiros. Sem palavras. Só barcos desnudos de velas rasgadas como feridas abertas nas mãos que seguram a roda do leme em espasmos de graus, de rumos incertos desconhecidos. Rotas. Derrotas. Estimás. Latitudes longitudes. Um imenso roteiro submerso de singraduras no tempo e na névoa que hoje teima em ficar abraçada ao mar. E eu atento vigilante, canso o olhar tão gasto já, atento aos sons deste mar, ao restolhar das vagas de espuma na costa, lentas precisas, cadenciadas. Navego. Uma navegação abandonada. A agulha a cento oitenta graus libertos. Sul pleno. Tu ficas sempre a norte de mim. Demasiado a norte de mim. Não consigo a manobra perfeita para aportar em ti. As coordenadas na carta. O rumo certo. Um tempo estimado de chegada. Porque foges sempre que navego ao teu encontro e te perco na imensidão atlântica? Porque és assim?

...Reconheço-te por algumas marcas no corpo, és assim como as marcas que faço a terra, as marcas aos sítios do peixe os pesqueiros que são sítios secretos marcados pelos enfiamentos. a torra da igreja, o morro a norte, o bico do telhado que me indica o Parcel, o sitio onde pesco as fanecas á linha. Só, ali numa fraga do mar. Reconheço-te na penedia. Na linha de costa. No recortado de terra avistado do mar. E de noite. Reconheço-te no piscar das luzes. Na claridade da cidade grande, amarela na noite. As torres da refinaria a piscarem vermelhas. A chama na chaminé como tocha acesa.

Os braços de luz da Boa Nova, o relâmpago de Esposende, o abraço de Montedor. Brancos. As luzes aqui são brancas da cor do amor que sinto. As outras cores confundem-me, espécies de farolins de enfiamento nos molhes verdes e vermelhas a piscarem como luzes de néon na noite.

Reconheço-te pela constelação de sinais no braço esquerdo, espécie de Ursa menor, de estrela polar que exhibes. Reconheço-te pelo sinal na tua nádega desnuda na madrugada quando a penumbra impera e a imaginação anda solta. No redondo dos teus seios, na aureola dos bicos duros do desejo que sinto em ti quando eroticamente te roças em mim num bailado de carícias. Os seios como dedos a percorrerem as minhas costas e eu arrepiado do frio húmido da névoa no mar do desejo que tenho de ti, de te amar. De fazermos amor agora neste momento. Hoje. Aqui no poço do barco que navega indiferente ao meu dilema, ao meu desejo ao meu querer. Porque me atormentas o corpo?

João Marinheiro "De nós e outras derrotas" – excertos 2007

